



ERNANI SSÓ

COM MIL DIABOS!

NARRATIVAS DO FOLCLORE

Ilustrações de
Edgar Vasques



SUMÁRIO

Copyright do texto © 2010 by Ernani Ssó
Copyright das ilustrações © 2010 by Edgar Vasques

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa e projeto gráfico
Helen Nakao

Revisão
Viviane T. Mendes
Adriana Moreira Pedro

Composição
Lilian Mitsunaga

Tratamento de imagem
Simone Ponçano

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ssó, Ernani
Com mil diabos! : narrativas do folclore / Ernani Ssó. —
São Paulo : Companhia das Letrinhas, 2010.
ISBN 978-85-7406-454-3

1. Folclore — Literatura infantojuvenil. I. Título.

10-09623 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Folclore : Literatura infantil 028.5
2. Folclore : Literatura infantojuvenil 028.5

2010

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORAR SCHWARZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletrinhas.com.br

Esta obra foi composta em Weiss, e impressa pela RR Donnelley em ofsete
sobre papel Couché Reflex Matte da Suzano Papel e Celulose
para a Editora Schwarz em outubro de 2010.

Apresentação: O escritor e a mão do diabo, 5

O bobo que foi ao inferno, 9

Os diabos na garrafa, 15

A filha do diabo, 21

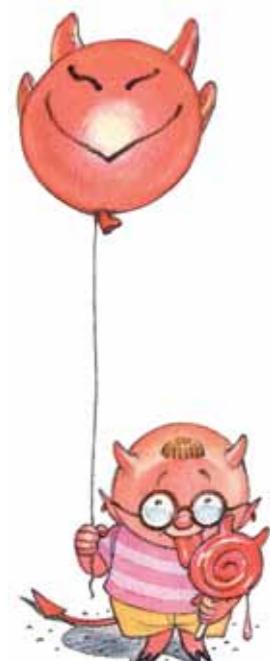
O diabo do nariz de prata, 27

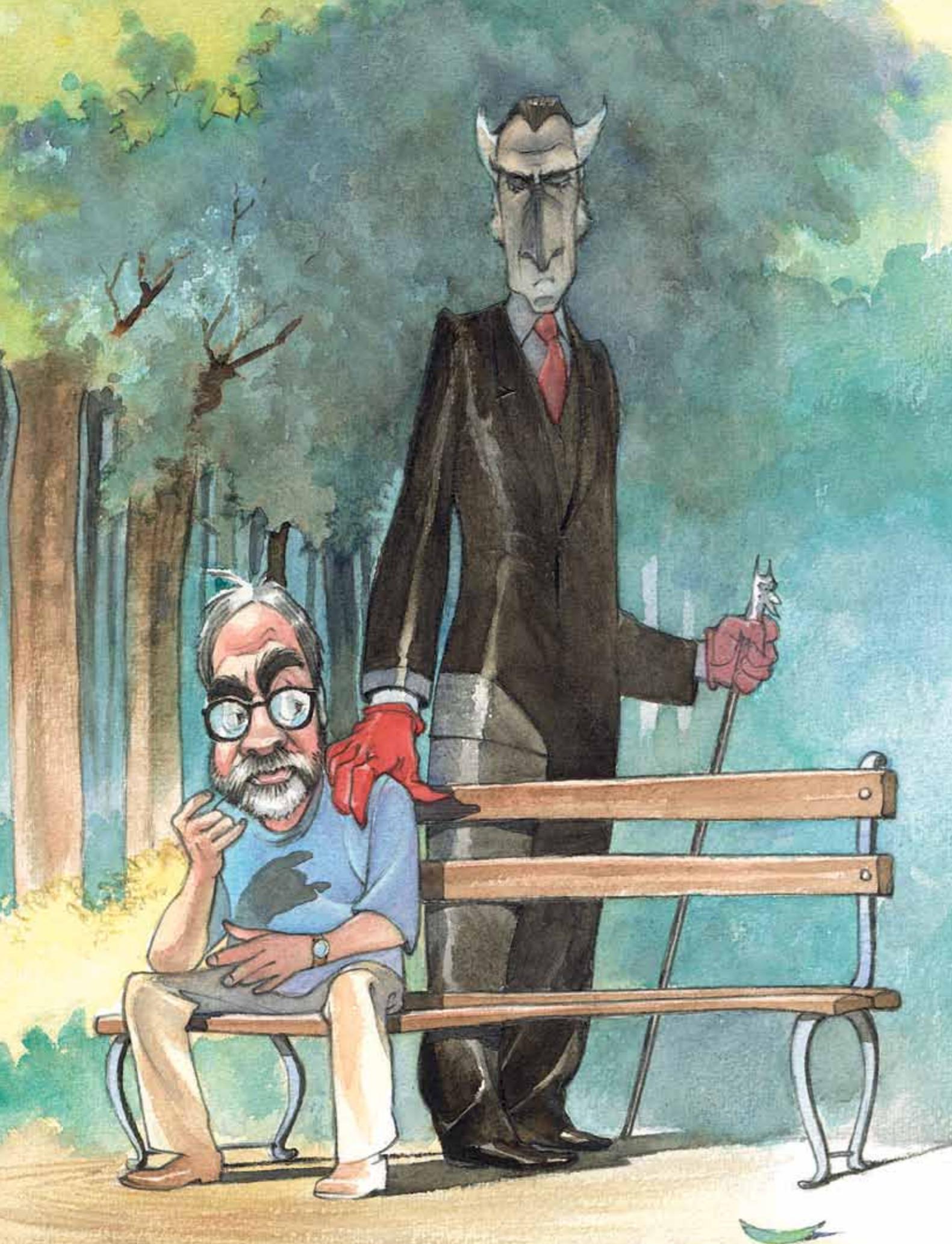
O aluno do diabo, 35

Os três cabelos de ouro do diabo, 39

Sobre o autor, 47

Sobre o ilustrador, 47





APRESENTAÇÃO

O ESCRITOR E A MÃO DO DIABO

Há muito tempo, há sete minutos e sete segundos, quando os bichos falavam pelos cotovelos, um escritor resolveu escrever um livro sobre diabos. Depois de meses de pesquisa, desanimou: as histórias eram danadas de bobas. Para se distrair, ele foi passear no parque e se sentou diante da lagoa. Então apareceu um homem, elegante como um mágico antigo, vestido de preto, com gravata vermelha, apesar de ser uma dessas tardes de verão em que a grama quase pega fogo sozinha.

— Posso me sentar? Obrigado. Você sabia que o Dostoiévski disse que um bom escritor escreve com a mão do Diabo?

— Sabia.

— Se quiser, eu alugo a minha.

— Quer dizer que você...?

— Muito prazer — o Diabo disse, inclinando a cabeça com solenidade.

— Com minha mão você vai escrever histórias maravilhosas, vai ganhar muito dinheiro, vai...

— O que quer em troca? Minha sombra? Meu filho?

— Como você é desconfiado, Ernani. Só quero que conte toda a verdade a meu respeito.

— A verdade? Olhe, há histórias em que você tem chifre e rabo com ponta de flecha. Noutras não tem nada, ou tem os cabelos de ouro, o nariz de prata, ou pata de bode, ou orelhas como as do Mr. Spock, na série *Jornada nas estrelas*. Há histórias em que você é malvado ou um tremendo trapaceiro. Noutras você é do bem. Há histórias em que você é um só, o Diabo, com maiúscula. Noutras há diabos que não acabam mais. Ou você é um ator sensacional ou o povo inventa muito.

O Diabo não concordou nem discordou.

— Outra coisa, senhor: fiquei com a impressão de que muitas histórias

antigas de bruxos, gigantes, gênios ou djinns, como dizem os árabes, começaram a ser contadas na Idade Média com você no papel principal.

O Diabo não concordou nem discordou.

— Outra coisa ainda, o senhor é um sujeito muito temido, símbolo dos representantes do mal, mas só leva a pior. Às vezes do jeito mais ridículo.

— É por isso tudo, Ernani, que lhe ofereço a minha mão.

— Sei, com ela escrevo a sua verdade, a sua versão dos fatos.

— Ora, ela é tão boa quanto qualquer outra. Sem falar que nós dois vamos sair ganhando. Assine este contrato.

O Diabo tirou do bolso do terno um maço de papéis com mais de mil páginas. O escritor deu uma olhada. O texto estava em letras microscópicas e numa língua desconhecida.

— Eu assino. Mas antes você tem de passar por três provas. E vencer ao menos uma.

— Eu topo.

— Pegue este.

O escritor suspirou. O Diabo deu um salto, agarrando o ar. Depois abriu as mãos bem devagarinho. Mas não achou suspiro nenhum.

— Esta não valeu, eu estava desprevenido — o Diabo resmungou.

— Deixe de conversa. Vamos para a segunda prova: tire todos os sapos, da lagoa.

O Diabo se atirou de terno e tudo na água. Com uma velocidade espanhosa, atirava sapos e sapos para a terra, quatro ou cinco de uma vez. Os sapos, que mal tocavam o chão pelando de quente, pulavam de volta para a lagoa. Sete minutos depois, o Diabo desistiu.

— É impossível.

— Puxa, seu terno nem molhou.

— Se você quiser, eu ensino esse truque. Faz um sucesso nas festas com piscinas...

— Claro que quero. Mas ainda temos uma prova.

— Tudo ou nada — o Diabo disse. — Se eu vencer essa você assina o contrato.

— Assino. Mas eu duvido que você vença. Olhe como está gordo. Não entra nessa garrafa nem com banda de música.

O Diabo não pensou: transformando-se numa fumacinha, entrou numa garrafa que estava atirada na beira da lagoa. Imediatamente o escritor a tapou com uma rolha. Imediatamente também se ouviu um guincho abafado:

— Trapaceiro!

— Ora, senhor, esse truque é mais velho que a tosse.

— Mas eu sempre caio. Sou muito impulsivo — o Diabo choramingou.

— Vamos fazer um trato. Eu solto você.

— O que quer em troca?

— As melhores histórias de diabos.

Houve um grande silêncio na garrafa.

— Está bem, eu topo. Mas... posso mentir um pouco?

— Olhe, senhor, como dizia Lawrence, acredito na história, não no narrador. Eu não dou a mínima pra você. Eu só me importo com as histórias: se me divertem ou me deixam triste, quer dizer, se elas me emocionam. É isso o que interessa. Essa é a verdade de uma história. Se aconteceu mesmo ou foi inventada não é um problema para a literatura, mas para a polícia.

— Então chega de discurso e anote aí.

O que o escritor anotou são as histórias que você vai ler a seguir.

E. S.

